

- RIBEIRO, Aquilino (1958). *Maria Benigna*. Lisboa: Bertrand.  
(2009). *As Três Mulheres de Sansão*. Lisboa: Bertrand.  
(1983). *O Livro do Menino-Deus*. Lisboa: Bertrand.  
(1985). *Caminhos Errados*. Lisboa: Bertrand.  
RICOEUR, Paul (2010). *Amor e Justiça*. Lisboa: Edições 70.  
(2013). *A Simbólica do Mal*. Lisboa: Edições 70.  
TOURNIER, Michel (1996). *Le miroir des idées*. Paris: Mercure de France.  
VIDIGAL, Luís (1996). "Volfrâmio: Anglofobia e Germanofilia em Aquilino Ribeiro". *Cadernos Aquilinos* 4, 37-45.  
VV.AA. (1986). *Bíblia Sagrada*. 13ª ed. Lisboa: Difusora Bíblica.  
VV. AA. (2012). *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus.  
WRIGHT, Robert (2011). *A Evolução de Deus*. Lisboa: Guerra e Paz.

Resumo: Na novela *As Três Mulheres de Sansão*, Aquilino Ribeiro relê, de forma crítica, a história de Sansão, o herói israelita.

Abstract: In the novella *As Três Mulheres de Sansão*, Aquilino Ribeiro reads, in a critical way, the story of Samson, the Israeli hero.

## A ALEMANHA VISTA POR AQUILINO

Peter Hanenberg

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura  
Universidade Católica Portuguesa

Tudo começou em 1906: o jovem Aquilino Ribeiro oriundo da Beira Alta instala-se em Lisboa para servir a revolução contra uma monarquia cansada e em declínio. Um ano depois parecia que a mudança estava para acontecer: o partido republicano ganhara força, os jornais estavam cheios de polémicas, o parlamento seria encerrado pelo exército, estudantes entravam em greve e bombas rebentavam um pouco por todo o lado. E também no quarto de Aquilino na Rua do Carrião. Os amigos Gonçalves Lopes e Belmonte de Lemos morreram quando estavam a preparar a bomba, Aquilino que saiu ileso foi preso no mesmo dia à noite e conseguiu fugir da prisão pouco depois, iniciando a sua primeira fuga do país e o seu primeiro exílio em Paris. Com a implantação da República no dia 5 de Outubro de 1910, Aquilino regressa brevemente a Portugal para depois começar um curso de Filosofia e Sociologia na Sorbonne.

É na Sorbonne que Aquilino conhece Grete Tiedemann, uma jovem alemã de Mecklemburgo, no Norte da Alemanha. Com ela faz, em 1912, a sua primeira viagem para a Alemanha, ficando algumas semanas em Berlim e em Parchim, terra natal da sua noiva. "Este casamento", escreveu mais tarde, "que foi um acto voluntarioso das duas partes, sobretudo da minha mulher que, durante dois anos, lutou com a resistência da família, foi laborioso e intrincado. Ao pai repugnava-lhe dar a filha a um homem duma nacionalidade pequena e anárquica, sem profissão lucrativa, argumentando-me que 'a grandeza ou pequenez das nações se reflectia sobre a grandeza ou pequenez das famílias'. Afinal foi minha mulher quem triunfou e tudo se resolveu a bem."<sup>1</sup> Aquilino e

<sup>1</sup> João Bigotte Chorão: Cartas inéditas de Aquilino Ribeiro a Carlos Malheiro Dias, in: *Colóquio Letras* 106 (1988), pp. 58-64; aqui p. 61.

Grete Tiedemann casaram no dia 28 de fevereiro de 1913 em Schwerin, onde o pai da noiva, Fritz Tiedemann, era um homem conhecido e respeitado até na corte deste pequeno ducado. No mesmo ano, a publicação de *Jardim das Tormentas* fez de Aquilino um escritor conhecido e reconhecido.

Até ao outono de 1914 o casal luso-alemão permaneceu em Paris onde nasceu também o filho Aníbal Aquilino Fritz Tiedemann Ribeiro em fevereiro deste ano. No diário deste tempo que saiu mais tarde sob o título *É a guerra*, o escritor lamenta o ambiente hostil e a propaganda bélica que se fazia sentir em toda a cidade:

Quem me dera já em Portugal, na minha aldeia, dormente desde que o primeiro homem ali ergueu uma palhoça! Fechar-me nela como em deserto e nunca mais ler a maldita palavra humana em livros e jornais! Esquecer-me na casa tranquila dos horrores que nestes meses tenho visto e pulsado até sempre [...].<sup>2</sup>

Em finais de setembro de 1914 a família é obrigada a deixar a França e volta a Portugal. No fim da Grande Guerra, Aquilino trabalha na Biblioteca Nacional que lhe proporciona uma segunda viagem à Alemanha cujo relato foi publicado sob o título *Alemanha Ensanguentada*, logo a seguir ao diário *É a Guerra* em 1934. “Embora negócios da família me levem a Alemanha,” explica Aquilino numa entrevista dada ao jornal *A Pátria* pouco antes da partida, “viajarei pausadamente, demorando-me em Madrid, Paris, Bruxelas e sobretudo em Berlim. Necessito sentir a nova Europa, as suas lutas, as suas esperanças. Tomarei notas e escreverei uma longa série de cartas para *A Pátria*, a pedido do seu director.”<sup>3</sup> Na realidade, Aquilino publicou cinco “Cartas da Alemanha” que correspondem *grosso modo* a alguns capítulos do livro vindo a lume mais tarde. Aquilino possuiu, portanto, uma acreditação como jornalista<sup>4</sup> o que lhe abriu acesso a determinados sítios (como um campo de prisioneiros de guerra; vd. AE 104-113). Mas Aquilino não viajou exclusivamente como jornalista. Além dos negócios da família – o pai de Grete tinha falecido durante a guerra e havia de abordar questões de herança – Aquilino aproveitou a viagem para

<sup>2</sup> Aquilino Ribeiro (1934): *É a Guerra*. 1ª edição de 1934; cita-se a edição da Bertrand 1975, p. 281.

<sup>3</sup> Entrevista em *A Pátria*, 11 de setembro de 1920.

<sup>4</sup> Vd. Aquilino Ribeiro (1885-1963). *Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário do Nascimento*. Lisboa: Biblioteca Nacional 1985, nº. 1386.

efectuar pesquisas bibliográficas em nome da Biblioteca Nacional e para participar num congresso bibliotecário em Bruxelas.<sup>5</sup>

Mas mais do que nos livros, confessa Aquilino, na referida entrevista, estar interessado na vida das pessoas e nas grandes mudanças sociais, espirituais, artísticas, económicas e políticas que se verificavam pela Europa fora. E com especial interesse olhava para a Alemanha, lá muito longe de Portugal, numa espécie de sombra distante, vencida pelos aliados aos quais Portugal se juntou em boa hora, mas com pouco êxito e sob pena de milhares de mortos e feridos. A Alemanha – sabe Aquilino no momento da sua maior derrota – voltará a marcar a história da Europa. Disse Aquilino ao jornal *A Pátria*:

A Alemanha desde que se estabilize, dentro das grandes ideias de renovação que a agitam, voltará a ser um povo ilustre. A guerra foi para ela uma catástrofe, um terrível ensinamento. O alemão, porém, é reflectido, sabendo tirar dos acontecimentos as lições infalíveis. [...] A indústria, ciência, a arte, a filosofia vão tornar-se para ele um novo e alto imperialismo. A sua acção neste campo deve ser notabilíssima. A sua cultura deixará de ser agressiva. A Europa e com ela o mundo pertencerá às nações mais cultas. A Alemanha conta com um lugar de destaque. E eu que vivo da minha pena de escritor, apreciando, portanto, mais a paz que a guerra, saudarei nela a libertação da humanidade.<sup>6</sup>

Estas palavras são representativas da atitude positiva e simpatizante com que Aquilino iniciou a sua viagem em 1920. A questão da chamada “Germanofilia Aquiliana” tem aqui a sua origem.<sup>7</sup> Mas a viagem pelas terras germânicas proporcionou ao escritor também uma visão dos perigos que se conjecturaram e que acabaram por se concretizar poucos anos depois: “Não sei, mas estou em crer”, escreve num artigo publicado em 26 de outubro de 1920, “que da paz forjicada tão torpemente em Versalhes ou sai uma Alemanha com todos os instintos da fera que foi traquejada, pronta a dar o salto no momento oportuno, ou uma Alemanha que há-de acabar por se entregar a Lenine de alma e coração” (AE 32). Ou mais tarde:

<sup>5</sup> Vd. no catálogo citado nº 1387.

<sup>6</sup> Vd. a entrevista citada.

<sup>7</sup> Vd. a dissertação de mestrado de Filipe Costa: *As Representações da Alemanha no Diário de Viagem “Alemanha Ensanguentada” de Aquilino Ribeiro. A Questão da Germanofilia Aquiliana*. Coimbra: FLUC 2006.

Se aparecer um aventureiro, resoluto e de maus figados, que se confine numa vaga e apocalíptica ideologia, que bata o pé ao vencedor, misto de Anticristo e de Lohengrin, tem povo. Vencida, mas não derrotada, a Alemanha quando puder voltará a desembainhar a espada, no que, de resto, não faz mais que obedecer à estúpida condição humana. (AE 116)

São observações como estas que lentamente modificaram a imagem da Alemanha em Aquilino, apesar de sempre manter a admiração pela sua cultura e pelas artes: “Estamos passando dias bem tristes”, escreve Aquilino numa carta de Berlim:

É verdade, mas deixe-me dizer-lhe que o meu germanofilismo sofreu muita correcção. A verdade obriga em muitos pontos, a desestimar o que estimara. A Alemanha não tem razão em muita coisa; as acusações dos aliados, muitas são legítimas e com fundamento. Mas expoliam-nos em excesso, e é outra verdade.<sup>8</sup>

Aquilino alerta para os perigos que se adivinharam numa Alemanha ferida, mas orgulhosa, derrotada, mas poderosa, vencida, mas sempre preparada. E ele defende a necessidade de conhecer melhor esta Alemanha, as suas condições e vivências, a sua potência cultural e os desafios sociais e humanos de um povo que – através do Tratado de Versalhes – acabara de ser obrigado a assumir a responsabilidade exclusiva da guerra mais desastrosa e cruel de todos os tempos. Aquilino defende na medida em que olha com atenção, ouve, aprende, na medida em que se confronta com as realidades de um país que para Portugal e o mundo tinha dado as últimas provas da sua agressividade. Tal como Aquilino não temeu as autoridades da monarquia (e mais tarde da ditadura em Portugal), também não temia uma opinião pública que tinha feito o seu juízo negativo sobre o inimigo de guerra, longa e profundamente preparado pela propaganda dos anos anteriores. À opinião pública contrapõe as suas experiências em terras alheias, as suas descrições conhecedoras das terras e das paisagens, das pessoas que encontra no comboio entre a Bélgica e a Alemanha, nas ruas, casas e espaços públicos de Berlim e Parchim, de Schwerin, Hildesheim, Hameln, Pymont, Hanôver, Hamburgo e Colónia, as suas lições de História e Política e – até de língua alemã. Mais do que ninguém, Aquilino percebeu as realidades e os segredos do seu tempo e soube transmiti-los numa prosa inconfundível.

<sup>8</sup> Biblioteca Nacional, Lisboa, Esp E 7/1727.

Ponderar pontos de vista e posições, entender o que está a acontecer e quais os seus efeitos e as suas consequências, perceber como as pessoas reagem perante as mudanças e como se habitam a ela: eis o interesse de Aquilino. Os seus apontamentos no “caderno de um viajante” – assim o subtítulo de *Alemanha Ensanguentada* – são um documento variado e historicamente rico sobre a Alemanha acabada de sair da guerra e da derrota, numa época que parecia ser o início da paz e acabou por ser a preparação do próximo conflito. Aquilino já o sabia em 1920: “A guerra”, anotou em Parchim no dia 22 de outubro, “não é a mãe de todas as coisas, como pretendia Heráclito, mas do que ela é mãe com toda a certeza é da guerra, e não é nem será outra a sua genealogia desde o começo ao fim dos tempos. Pouco há-de viver quem não vir o Reno e o Vístula arrastar enxurradas de cadáveres.” (AE 116).

A publicação de *Alemanha Ensanguentada*, em 1934, foi por isso também uma tentativa de oferecer ao público português alguma explicação para a tomada de poder de Hitler no ano anterior: como o resultado de erros políticos, oportunidades perdidas, vaidades magoadas, angústias essenciais, miséria e pobreza. No prefácio dedicado ao médico de família, Dr. Francisco Pulido Valente, Aquilino escreve em 1934:

Decerto que a Alemanha, agora na berra, não quadra ao gosto dum espírito sensível à moderação e harmonia. Os autos-de-fé que reduziram a cinzas livros menos ortodoxos e o êxodo dos sábios e escritores que não comungavam no credo novo representam os piores atentados contra a inteligência. Para eles não há absolutória possível no tribunal da razão. É preciso descer à sua própria etiologia para explicá-los. (AE 7)

E mais adiante:

Não sei se algumas destas páginas destoam, querido e ilustre amigo, do seu douto critério e da rigorosa objectividade aconselhável em tudo o que respeita ao facto de índole social. O Pulido Valente veja nelas o propósito de esclarecer o fenómeno estupendo da Alemanha hitleriana [...]. (AE 9-10)

O caderno de um viajante tem, portanto, um objectivo funcional: descer à história recente para explicar a Alemanha actual e “esclarecer o fenómeno estupendo da Alemanha hitleriana”. As observações que Aquilino oferece aos seus leitores podem, de facto, ajudar a explicar o desenvolvimento da situação política nos anos que se seguem à Grande

Guerra – mas nunca servem para justificar ou desculpar o rumo que a Alemanha tomou. Isto vale tanto mais nos longos trechos de texto em que Aquilino dá voz às personagens que encontra durante a sua viagem. Aqui como em tudo, Aquilino não pretende ensinar ou teorizar, mas antes testemunhar experiências diferenciadas.

Um exemplo ilustrativo é o modo como Aquilino introduz as suas observações sobre a revolução republicana na Alemanha:

Entro para um táxi na Bremer Str. e dou o endereço:

- Biblioteca Imperial...

- Biblioteca Imperial não sei o que seja - responde-me o chauffeur, fazendo uma careta.

Ora essa! ... Biblioteca pública... onde há muitos livros...

- Biblioteca Nacional, quer o senhor dizer...? Isso sei o que é. (AE 38)

Um taxista que pouco depois de um ano, já não sabe (ou finge não saber) o que era a Biblioteca Imperial é um dado muito concreto para ilustrar as profundas alterações políticas que houve na Alemanha depois da Grande Guerra. Um outro exemplo muito ilustrativo é a maneira como Aquilino faz sentir o sofrimento que a Grande Guerra trouxe para a população alemã, exemplificando-o numa só rua:

O meu guia vai-me [...] avivando a memória: “Ali naquele rés-do-chão, de porta negra e cerrada, morava um vesteiro. [...] A terra da Flandres come-lhe o rapaz e o velho morreu de paixão. [...] Mais adiante, era Max, mecânico de bicicletas; morto diante de Liege. À esquerda certo velho fotógrafo [...] Dois filhos varões que tinha ambos a guerra lhe levou. Andando sempre e às duas bandas tinham morrido: um filho à dona do estanco de tabacos, na Rússia [...], o marceneiro da esquina na Flandres; e quase ao fundo, aquele edifício [...], Correios e Telégrafos, converter-se-ia em necrópole se lhe depositassem dentro as ossadas daqueles que ali serviam e foram ceifados pelo aço. Como não, se a Alemanha no último ano de luta sofria cerca de cem mil baixas por mês? Se o total dos mortos supera dois milhões? (AE 99-100)

Na sua densidade literária o relato é simultaneamente histórico e simbólico. Um exemplo disso é a descrição da cidade de Hildesheim que Aquilino visitou no dia 8 de novembro de 1920 (AE 160-166). O que se apresenta aqui ao leitor é uma reminiscência a uma cidade, que não sobreviveu à segunda catástrofe alemã, vinte anos depois. Mas ao mesmo tempo toda a descrição das complexas construções em madeira é um

símbolo da “alma alemã” que Aquilino parece ter encontrado aqui: digna de história e em antiguidade, um pouco versátil e estranha, mas instruída e culta, tecnicamente avançada e excêntrica na expressão.

Os leitores de hoje encontram em *Alemanha Ensanguentada* um testemunho que surpreende pela distância e pela neutralidade, alimentadas pelo conhecimento profundo e pela simpatia empenhada e prevenida. Taxistas, bibliotecários, oficiais demitidos, vítimas da inflação, nacionalistas, pacifistas, professores e mendigos e mesmo aqueles que souberam tirar proveito da guerra – e que Aquilino chama pelo seu nome alemão *Kriegs-Gewinner* (AE 17) – encontram-se aqui ao lado de viajantes espanhóis ou russos prontos a combater novamente. Aquilino retrata o dia-a-dia de uma Alemanha entre guerra, revolução e paz, entre senhas para o pão, tamancos, frio, luto, esperança e uma nunca cessante reflexão sobre os meandros do destino que se verificou tão enganador.

Com o seu “caderno de um viajante” Aquilino chama a atenção para uma época que urge redescobrir – mesmo para perceber os anos que se seguiram. Quem lê estas observações facilmente entende como aqui foram encaminhados os conflitos e as decisões do século XX, muito em especial no próprio ano de 1920, em que o Tratado de Versalhes entrou em vigor, em que a Sociedade das Nações iniciou o seu trabalho, em que a guerra civil na Rússia acabou com a vitória do exército vermelho sobre o exército branco, em que o conflito entre a Rússia e a Polónia se decidiu em favor da Polónia e em que na Alemanha o chamado golpe de Kapp demonstrou a força e a vontade de uma contra-revolução da direita, em que Hitler se tinha apresentado publicamente no famoso Hofbräuhaus em Munique e em que nas regiões industriais se movimentaram os comunistas e em que tudo isto anunciou as crises que preparavam, desde já, o fracasso da República de Weimar. As mudanças que a Grande Guerra trouxe inscreveram-se marcadamente na fisionomia europeia e do mundo: o fim da monarquia, a lenta agonia do colonialismo e a divisão do mundo num bloco capitalista de um lado e comunista do outro são os resultados de um estranho progresso que tem início no fim da guerra de 1914-1918. Por isso mesmo, as observações de Aquilino podem ajudar a entender melhor esta caminhada para o que viria a ser uma ‘Europa nova’.

Portugal entrou na guerra por razões muito próprias – e um pouco contra a vontade do seu aliado de longa data, o Reino Unido. Mas os antagonismos internos, a necessidade de afirmação da jovem República e os velhos conflitos com a Alemanha em relação às colónias em África acabaram por determinar a entrada do país ao lado dos aliados. Aquilino

visitou mais tarde os campos de batalha onde muitos portugueses deixaram as suas vidas. O relatório sobre esta visita está incluído na segunda parte do livro *Alemanha Ensanguentada*. Na altura desta visita, no outono de 1928, Aquilino encontrava-se novamente no exílio em Paris, depois de ter participado numa revolta contra a ditadura militar. No ano anterior – e no meio das convulsões políticas – a esposa Grete Tiedemann falecera na Soutosa. Com a publicação do caderno de um viajante deixou também uma homenagem às suas experiências germânicas, testemunhando sem qualquer tipo de sentimentalidade as grandes convulsões políticas que tanto marcaram a Alemanha como o seu país, já a caminho da ditadura.

Entretanto, Aquilino tornara-se um dos escritores mais respeitados da sua geração. Ao contrário de poetas como Fernando Pessoa, a atenção de Aquilino não se destina aos exercícios da alma e dos seus existencialismos, mas sim às condições de vida, não se destina às ideias filosóficas de um Quinto Império, mas às necessidades, oportunidades e errâncias do quotidiano e às mudanças epocais de uma modernidade acelerada. São as condições particulares, as complexidades contraditórias, os abismos do animalesco na vida humana e as seduções do materialismo que Aquilino explora nas suas obras, mais do que as construções sublimes de um mundo artificial de ideias e de ideais. Não se trata de antever o homem novo, trata-se de reconhecer como as pessoas vivem. E mesmo assim, as descrições da vida do dia-a-dia que Aquilino nos deixou estão cheias de um humanismo profundo e de uma moralidade inabalável. Também aqui reside o grande valor do seu relato sobre a Alemanha no ano de 1920: tornando visível uma época que muito marcou o destino do século XX de que somos herdeiros.

\* \*  
\*

## AQUILINO RIBEIRO, MANUEL DA FONSECA E A ALCATEIA DOS LOBOS UIVANTES

Manuel da Lima Bastos

Em 1958 Aquilino Ribeiro publicou a obra *Quando os Lobos Uivam* que o regime ditatorial salazarista considerou um desafio afrontoso à sua política de reforestação de certas zonas serranas de média altitude a qual seria feita, em larguíssima medida, à custa dos baldios de uso comunitário e da consequente espoliação de um recurso que constituía o principal sustentáculo da precária subsistência das populações montesinhas no interior beirão.

A história, sendo velha de muitos séculos e bem conhecida a posição do escritor, serviu ao mestre das letras portuguesas para dar à estampa uma obra de ficção em que narra, como se fosse um imenso mural, a resistência heróica dos povos serranos ao miserável esbulho que o regime totalitário se preparava para cometer. Aquilino, pese embora a sua condição de civilizado culto, jamais renegou da capucha que o vestira e agasalhara quando apareceu neste mundo por entre os descobres das suas bem amadas serras da Lapa e da Nave.

Assim foi, assim se sentiu toda a vida e do facto quis deixar, já perto do fim, o testemunho inflexo: *nunca soube o que era servidão aos preconceitos, ao poder, às classes, nem mesmo ao gosto do público*. Já no primeiro número da *Seara Nova* quis consignar o que a polícia política impedira que dissesse de viva voz em 1945 num acto público promovido pelo MUD: *A literatura, em tanto que arte, é uma manifestação de homens livres e eu nunca vesti a libré de ninguém, nem do rei, nem do rico, nem do político, nem do cônsul*.

A propósito desta necessária e irrenunciável independência do artista, em particular daqueles que escrevem, do mesmo passo sustenta que o comprometimento com o povo donde proveio lhe impõe que seja *um interventor no mundo, não deixando por isso de fazer arte*, como exarou no seu *Solilóquio Autobiográfico Literário*, um dos últimos textos que escreveu.